

Introdução

A palavra *orwelliano* é um adjetivo que surgiu durante o período em que *1984* tornou-se um fenômeno de vendas, nos anos 1950, após a morte do autor George Orwell. A escritora Rebecca Solnit, no curioso livro *Orwell's Roses*, nos lembra que “not many writers become adjectives, and even Joycean and Shakespearean don’t circulate the way that Orwellian does”². O seu uso é bastante livre e, por vezes, indiscriminado. É comum vermos exemplos exagerados: desde teóricos da conspiração a radicais da extrema-direita podem chamar alguém ou algo de *orwelliano*. Normalmente, essa palavra vai aparecer em um contexto de demonização de pessoas, instituições e ideias. Basta caracterizar algo ou alguém como *orwelliano* que, certamente, o adjetivado será alvo de todo tipo de injúria. O comentarista D.J. Taylor, falando dos já longínquos anos 1950, afirma que:

Even in the Eisenhower Era the average newspaper reader would have known what was meant by the adjective ‘Orwellian’ – something intrusive, malign, repressive, hierarchical, anxious to snuff out individual liberty, abetting a spurious communality against solitary self-determination³.

Nos tempos atuais, pululam alusões à obra de Orwell na indústria cultural: desde o famigerado Big Brother Brasil até o álbum *Diamond Dogs* de David Bowie. Ocorre um processo semelhante ao que observamos com outro adjetivo literário: *kafkiano*, este último também tendo uma carga distópica inerente. Ainda assim, por mais que seja possível argumentar que *orwelliano* e *kafkiano* tenham sido banalizados em seu uso na esfera pública, é um fato que são exemplos de que a

1 Doutor em Teoria e História Literária pelo IEL - Unicamp, mestre em Letras - Inglês pela FFLCH - USP. Jornalista e professor de inglês. ltrevas@gmail.com

2 “Não são muitos os escritores que se tornam adjetivos, e mesmo joyceano ou shakespeariano não circulam como orwelliano circula” (trad.livre). SOLNIT, 2022, p.267.

3 “Mesmo na Era de Eisenhower o leitor médio de jornais diria que o que se queria dizer com ‘Orwelliano’ seria – algo intrusivo, maligno, repressivo, hierárquico, ansioso para abafar a liberdade individual, abrangendo uma falsa comunalidade contra a autodeterminação solitária” (trad. livre). TAYLOR, 2021, p.125.

recepção dos textos de Orwell e Kafka continua relevante. Essa presença pode ser negativa, como diria o crítico literário Terry Eagleton, afirmando que Orwell deixou um legado de caricaturas da esquerda que seria largamente utilizado pela direita como munição: [...] whose later fantasies about Big Brother and pigs running farms [...] bequeathed a set of lurid stereotypes and convenient caricatures to the Right. In this sense, Orwell, like Freud but unlike Marx, has passed into the common language” (EAGLETON, 2003).⁴

De fato, ainda hoje é possível verificar uma grande má-vontade, no mínimo, quando vemos influenciadores e intelectuais situados nos recantos mais radicais do espectro da esquerda falando sobre Orwell. Não obstante a necessidade de defender o indefensável, há um movimento orquestrado por parte desses grupos e indivíduos de jogar o nome de George Orwell no mesmo lugar de “Profeta da Liberdade” (leia-se do liberalismo conservador). Assim o fazem figuras da “nova direita” que se apropriam do escritor.

Portanto, a abordagem liberal-conservadora da obra de George Orwell tende a pintá-lo como um entusiasta da moral e dos costumes, como um defensor do individualismo e dos valores da civilização ocidental versus a influência geopolítica russa no pós-guerra. E há também uma crítica da esquerda ortodoxa (em especial aquela que busca reabilitar a figura de Stalin por meio do revisionismo histórico) a Orwell, que tende a enxergá-lo como um mau escritor, que odeia os pobres ou, até mesmo, quinta-colunista. É um dos pressupostos desta pesquisa, então, divergir das abordagens literárias e políticas que buscam atender a essas agendas da extrema direita (que se apropria da obra de Orwell), bem como da esquerda stalinista (que o demoniza).

1984 apropriado pela direita conservadora

Como uma evidência anedótica, vejamos o caso da edição de 2021 de *A Revolução dos Bichos* do selo Avis Rara, da Faro Editorial. Foi publicada no período em que a obra de Orwell tornou-se parte do domínio público no Brasil, passados os

⁴ “[...] cujas fantasias posteriores sobre Big Brother e fazendas de porcos [...] deram uma quantidade de coloridos estereótipos e caricaturas convenientes para a direita. Dessa maneira, Orwell, como Freud, mas não como Marx, passou a fazer parte da língua comum”. EAGLETON, Terry. Reach-me-down Romantic. **The London Review of Books**. Londres, Vol.25 n.12, 19 de junho de 2003.

mais de 70 anos da morte dele, o que gerou uma torrente de novas edições do catálogo do escritor e a Companhia das Letras deixou de ter direitos únicos sobre o autor. Isso resultou em publicações de qualidade bastante variável. No caso do selo Avis Rara, que é especializado em "clássicos do pensamento liberal e conservador"⁵, *A Revolução dos Bichos*, 1984 e *Homenagem à Catalunha* passaram a dividir prateleiras com outros títulos da editora, notadamente livros de F.A. Hayek (a quem Orwell muito criticou em resenhas) e Milton Friedman, entre outros liberais mais antigos, e também figuras gestadas e impulsionadas no calor odioso das redes sociais e da imprensa marrom, como Guilherme Fiuza e Rodrigo Constantino. No prefácio de *A Revolução dos Bichos*, escrito pelo editor Pedro Almeida, não faltam equivalências históricas fáceis e conclusões precipitadas sobre a fábula, mas o que sobressai aos olhos mais atentos é a citação direta, em bloco, de parte importante do ensaio *Why I Write* (1946), texto paradigmático da obra de não ficção de Orwell em que, como um manifesto, ele delineia os motivos pelos quais tornou-se escritor. Vejamos o excerto aqui reproduzido exatamente como foi publicado pela Avis Rara:

Cada linha de trabalho sério que escrevi desde 1936 foi escrita, direta ou indiretamente, contra o **totalitarismo**... A revolução dos bichos foi o primeiro livro que tentei, com plena consciência do que estava fazendo, fundir o propósito político e o propósito artístico em um todo. (ORWELL apud ALMEIDA, 2021, grifo nosso)⁶

Notemos as reticências após “totalitarismo”, que deixamos em negrito, acima. É uma elipse mal sinalizada, pois deveria estar entre parênteses, ex.: (...). Não está, o que indicaria a um leitor incauto que as reticências são parte da diegese do autor George Orwell. Não são. O editor, ao escrever seu prefácio e escolher justo esta frase emblemática de um dos ensaios mais categóricos de Orwell, decidiu esconder o resto da frase que completa o período. Vejamos, no original, com tradução livre de nossa autoria:

5 FARO EDITORIAL, SELO AVIS RARA. Site oficial. Disponível em <<https://faroeditorial.com.br/selo-avis-rara/>>

6 ORWELL, George. *A Revolução dos Bichos*. Prefácio de Pedro Almeida. Barueri, Faro Editorial (Avis Rara), 2021.

Every line of serious work that I have written since 1936 has been written, directly or indirectly, against totalitarianism **and for democratic socialism, as I understand it.**⁷ (ORWELL, *Why I Write*, 1946, grifo nosso.)

Ou seja, há uma intenção ideológica subjacente na escolha de fatiar a frase como foi cunhada pelo autor. Isto é, a de ofuscar o fato de que Orwell considerava-se um socialista democrático e que sua luta contra os totalitarismos não tinha como pressuposto uma cisão com sua identidade de esquerda. Mas é justamente isso que une os comentaristas de ambos os extremos do espectro ideológico, seja no polo da extrema direita, quanto da esquerda ultra-ortodoxa, que não saiu dos anos 1930. Isto é, gerar desinformação sobre o pensamento político de Orwell na esfera pública ao ungi-lo como conservador, seja para atacá-lo ou adorá-lo.

O próprio Orwell escreveu, nos anos 1940, em sua coluna *As I Please*, no jornal *Tribune*, sobre o substantivo *fascismo*, que à época já era utilizado em uma variedade de contextos e por uma multitude de sujeitos, com diferentes significados: “Mas, ainda, quando aplicamos o termo ‘fascismo’ à Alemanha, ou ao Japão ou à Itália de Mussolini, sabemos amplamente a que estamos nos referindo. Foi na política interna [do Reino Unido] que essa palavra perdeu o último vestígio de um significado” (2017, p.85). Nesse texto, *O Que É o Fascismo*⁸, Orwell segue enumerando diferentes grupos que já foram chamados de *fascistas* por algum outro grupo ou indivíduo, desde conservadores: “todos os conservadores, apaziguadores ou antiapaziguadores são tidos subjetivamente como pró-fascistas” (p.86); Socialistas - entre os quais Orwell incluía-se: “No período 1930-5 o *Daily Worker* [jornal britânico comunista] referia-se habitualmente ao Partido Trabalhista como os *Labour-fascistas*” (p.87); Comunistas: “uma considerável escola de pensamento, exemplos Rauschning, Peter Drucker, James Burnham, F.A. Voigt, recusa-se a reconhecer a diferença entre os regimes nazista e soviético e sustenta que todos os fascistas e comunistas visam, aproximadamente, a mesma coisa e são até, em certa medida, aproximadamente as mesmas pessoas” (idem); e até mesmo, pasmem, “ouvi o termo ser aplicado a agricultores, a lojistas, ao Crédito Social, ao castigo corporal, à caça à raposa, às touradas, ao Comitê de 1922, ao Comitê de 1941, a

7 Cada linha de trabalho sério que eu tenho escrito desde 1936 foi escrita, direta ou indiretamente, contra o totalitarismo e **pelo socialismo democrático, como o compreendo (trad.livre)**.

8 ORWELL, George. *O Que É Fascismo? e outros ensaios*. Trad. Paulo Geiger. Org. Sérgio Augusto. São Paulo: Companhia das Letras, 2017. Coletânea de ensaios jornalísticos, resenhas e artigos de opinião escritos por Orwell no período do final dos anos 1930 até o final dos anos 1940.

Kipling, Gandhi, Chiang Kai-shek, à homossexualidade, aos programas de rádio de Priestley, aos Albergues da Juventude, à astrologia, às mulheres, aos cães, e a não sei o que mais” (p.88). Apesar de tudo, Orwell chega a um arremedo de definição: “quase todo inglês vai aceitar ‘troglodita’ como sinônimo de ‘fascista’ (...) algo cruel, inescrupuloso, arrogante, obscurantista, antiliberal e anti classe trabalhadora” (p.89). Essa definição puramente linguística encontrada pelo autor não escapa a sua própria autocrítica e, no parágrafo seguinte, ele afirma que o fascismo é um sistema político e econômico, mas que falta à sociedade uma definição mais clara e aceita. Poderíamos especular que, finda a Segunda Guerra há quase 80 anos, não conseguimos ainda nos inteirar de uma definição totalizante acerca do fascismo, tendo em vista a retomada cotidiana do termo, concomitante ao atual ressurgimento do autoritarismo nas sociedades ocidentais (governos Bolsonaro, Trump, Brexit, Victor Órban, Erdogan, Putin, et al.). Compreendida a incapacidade do autor (e, diria, a nossa) de definir o *fascismo*, fica uma lição de moral: “tudo que se pode fazer no momento é usar a palavra com certa medida de circunspeção e, não, como usualmente se faz, degradá-la ao nível de um palavrão” (idem).

1984 e a Guerra Russo-Ucraniana

A presença de elementos do romance *1984* permeia não somente a indústria cultural, mas também os acontecimentos políticos. Mais recentemente, em abril de 2023, ocorreu um evento no contexto da Guerra Russo-Ucraniana (iniciada em fevereiro de 2022, após a invasão do território ucraniano pela Rússia, sob pretexto de que o governo de Kiev possuiria tendências *fascistas*): a prisão e julgamento do político Vladimir Kara-Murza. Um desafeto do presidente Vladimir Putin, Kara-Murza foi um dos últimos nomes da oposição não-sistêmica⁹ a ser eliminado ou preso após a deflagração da guerra. Afilhado político de Boris Nemtsov, ele foi apreendido inicialmente sob a acusação de estar divulgando notícias falsas. Eventualmente, outras acusações foram adicionadas ao seu caso e, no dia 15 de abril, o veredito de sua condenação foi divulgado: 25 anos de cadeia por traição ao Estado. Alguns dias antes, Kara-Murza, que também era correspondente do Washington Post, além de ativista anti-governo, divulgou uma declaração em que comentava o provável

⁹ Termo utilizado na política russa para definir grupos e indivíduos que se colocam como oposição ao governo do partido Rússia Unida e a Vladimir Putin, mas negam-se ou estão impedidos de participar de eleições como partidos oficialmente registrados.

desfecho de sua sentença. O documento é interessante, uma vez que, além de comparar as circunstâncias de sua prisão com as dos julgamentos dos antigos bolcheviques nos anos 1930, durante o expurgo promovido por Stalin (eventos amplamente comentados por Orwell na época, especialmente em *Homage to Catalonia*), Kara-Murza cita textualmente a seguinte alusão ao 1984:

But I also know that the day will come when the darkness over our country will dissipate. When black will be called black and white will be called white; **when at the official level it will be recognized that two times two is still four**; when a war will be called a war, and a usurper a usurper; and when those who kindled and unleashed this war, rather than those who tried to stop it, will be recognized as criminals (KARA-MURZA, 2023, grifo nosso)¹⁰.

Nessa declaração em tom de lamento, fica claro que o político demonstra seu interesse em deixar um legado, algum lastro, em um momento de dificuldade. Mas o que nos interessa aqui é a frase em negrito: “when at the official level it will be recognized that two times two is still four”. Há aqui, claramente, uma alusão à “two plus two make four”, que é uma espécie de *leitmotif* do romance, aparecendo em eventos marcantes no decorrer da trama e mais tarde sendo subvertido, durante a tortura de Winston, para “two plus two makes five”. Inicialmente, Winston, energizado, escreve em seu diário: “Freedom is the freedom to say that two plus two make four. If that is granted, all else follows”¹¹.

Obviamente, temos uma mudança de sinais nas equações: Kara-Murza usa a multiplicação, enquanto Orwell, a soma. O resultado é o mesmo e o número quatro aparece como confirmação do real, o critério da verdade, em contextos de autoritarismo, repressão e falsificação da realidade empírica. O político dissidente utiliza o legado do romance mais famoso de Orwell para fazer uma equivalência da Oceânia de Big Brother com a Rússia de Putin. Seria essa uma apropriação do

10 “Mas eu também sei que o dia irá chegar quando a escuridão que paira em nosso país se dissipará. Quando o preto será chamado de preto e o branco será chamado de branco; quando, em um nível oficial, será reconhecido que dois vezes dois ainda é quatro; quando uma guerra será chamada de guerra, e o usurpador de usurpador; e quando aqueles que iniciaram e fizeram deslançar essa guerra, ao invés daqueles que tentaram pará-la, irão ser reconhecidos como criminosos”. KARA-MURZA, Vladimir Vladimirovich. Vladimir Kara-Murza’s last statement to Russian court: A reckoning will come. **The Washington Post**. Washington, 10 de abril de 2023 (em inglês). Disponível em <<https://www.washingtonpost.com/opinions/2023/04/10/vladimir-kara-murza-final-statement-court/>>

11 A liberdade é a liberdade de dizer que dois mais dois são quatro. Se isso está garantido, todo o resto pode seguir”(trad. livre). 1984, p.81.

pensamento orwelliano, em um contexto radicalmente diferente daquele da União Soviética que existiu à época de Orwell? Certamente. Há uma agenda ideológica ulterior nessa declaração de um político opositor ligado ao liberalismo ocidental? Muito provavelmente. De toda forma, não nos interessa tomar um lado no conflito, claramente iniciado agressivamente pela Federação Russa, mas que vem servindo para o ressurgimento de uma OTAN que vinha capengando, agora alargada pela entrada da Finlândia no bloco, bem como da vindoura Suécia, ambos os países que serviam como *buffer states* entre Europa Ocidental e União Soviética, durante a Guerra Fria, e que agora fazem parte da aliança militar do Atlântico Norte. As repercussões desta guerra Russo-Ucraniana, que a Europa e o mundo sentem nos preços do gás e da comida, ainda hão de ser desveladas completamente. Mas, sim, há um odor distópico que permeia o conflito e mesmo que a disjunção entre a ficção orwelliana e a realidade possa ser maior do que é repetido contumazmente na mídia, pelos *pundits* de plantão, não esqueçamos jamais que Vladimir Putin nega-se a chamar a guerra de guerra: para os russos, há uma “operação militar especial” ocorrendo na Ucrânia.

REFERÊNCIAS

BOWKER, Gordon. George Orwell. Londres: Abbacus, 2003. [em inglês]

EAGLETON, Terry. Reach-me-down Romantic. The London Review of Books. Londres, Vol.25 n.12, 19 de junho de 2003.

FARO EDITORIAL, SELO AVIS RARA. Site oficial. Disponível em <<https://faroeditorial.com.br/selo-avis-rara/>> (Acesso 16/11/22).

KARA-MURZA, Vladimir Vladimirovich. Vladimir Kara-Murza's last statement to Russian court: A reckoning will come. The Washington Post. Washington, 10 de abril de 2023 Disponível em <<https://www.washingtonpost.com/opinions/2023/04/10/vladimir-kara-murza-final-statement-court/>> (Acesso em 19/04/23). [em inglês]

LYNSKEY, Dorian. *The Ministry of Truth: a biography of George Orwell's 1984*. Londres: Picador, 2019. [ebook em inglês]

ORWELL, George. 1984. Tradução: Heloísa Jahn e Conrado Hubner. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

_____. *A Fazenda dos Animais*. Tradução de Denise Bottmann. Posfácio de Carlos Eduardo Ornelas Berriel. Porto Alegre: L&PM, 2021.

_____. *A Revolução dos Bichos*. Prefácio de Pedro Almeida. Barueri: Faro Editorial (Avis Rara), 2021.

_____. *Fighting In Spain*. London: Penguin, 2007. [em inglês].

_____. *Nineteen Eighty-Four*. New York: Signet Classics, 1977. [Em inglês]

_____. *O Que É Fascismo In: O Que É Fascismo? : e outros ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

_____. *Why I Write in England Your England and Other Essays*. London: Secker and Warburg, 1953. [em inglês].

SOLNIT, Rebecca. *Orwell's Roses*. Londres: Granta Books, 2022. [em inglês]

TAYLOR, D.J. *On 1984: a biography of George Orwell's masterpiece*. Nova Iorque: Abrams, 2021. [em inglês].